

SARAH J. MAAS



# TORRE DO ALVORECER

UM ROMANCE DE TRONO *de* VIDRO

**Obras da autora publicadas pela Editora Record**

***Série Trono de vidro*** *Trono de vidro*  
*Coroa da meia-noite*

*Herdeira do fogo*

*Rainha das sombras*  
*Império de tempestades*

*A lâmina da assassina*

*Torre do alvorecer*

**Série Corte de espinhos e rosas** *Corte de espinhos e rosas Corte de névoa e fúria*  
*Corte de asas e ruína*

SARAH J. MAAS

# TORRE DO ALVORECER

UM ROMANCE DE TRONO *de* VIDRO

*Tradução*  
Mariana Kohnert

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO  
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

M11t

Maas, Sarah J., 1986—

Torre do alvorecer [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2018.

recurso digital ; epub ( Trono de vidro) Tradução de: Tower of dawn

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-10091-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título. III. Série.

title="18-49346, CDD: 813">18-49346

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

---

Título original:

*Tower of Dawn* Copyright © Sarah J Maas, 2017

Esta tradução de *Tower of Dawn* foi publicada mediante acordo com  
Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os  
direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editoração eletrônica: Abreu's System Direitos exclusivos de publicação em  
língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA  
RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil



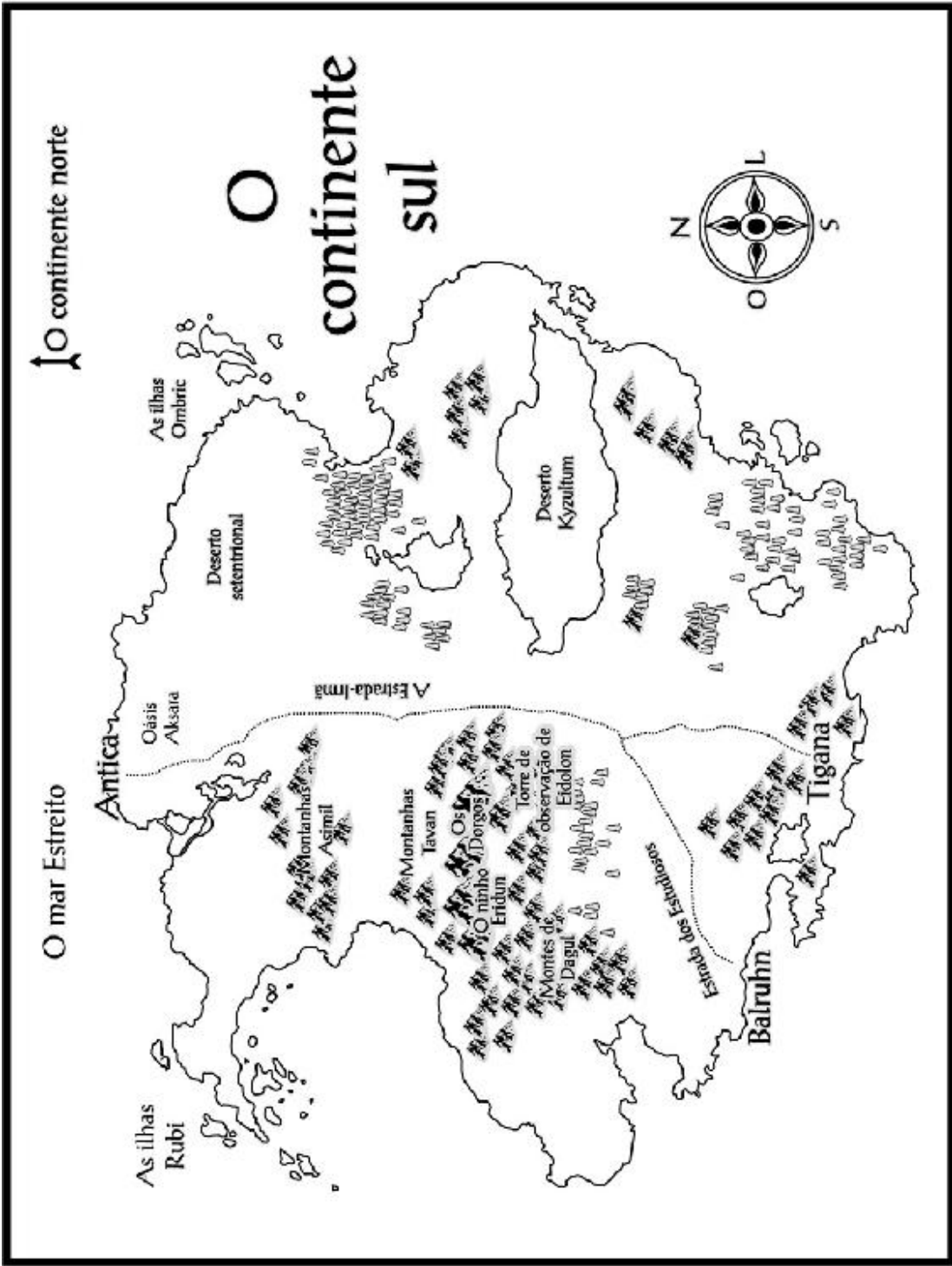
ISBN 978-85-01-10091-7

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: [mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.

*Para minha avó Camilla,  
que atravessou montanhas e mares, e cuja história  
incrível é meu conto épico preferido.*



# Sumário PARTE UM

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22  
Capítulo 23  
Capítulo 24  
Capítulo 25  
Capítulo 26  
Capítulo 27  
Capítulo 28

## PARTE DOIS

Capítulo 29  
Capítulo 30  
Capítulo 31  
Capítulo 32  
Capítulo 33  
Capítulo 34  
Capítulo 35  
Capítulo 36  
Capítulo 37  
Capítulo 38  
Capítulo 39  
Capítulo 40  
Capítulo 41  
Capítulo 42  
Capítulo 43  
Capítulo 44  
Capítulo 45  
Capítulo 46  
Capítulo 47

Capítulo 48  
Capítulo 49  
Capítulo 50  
Capítulo 51  
Capítulo 52  
Capítulo 53  
Capítulo 54  
Capítulo 55  
Capítulo 56  
Capítulo 57  
Capítulo 58  
Capítulo 59  
Capítulo 60  
Capítulo 61  
Capítulo 62  
Capítulo 63  
Capítulo 64  
Capítulo 65  
Capítulo 66  
Capítulo 67  
Capítulo 68

PARTE UM  
*A cidade dos deuses*

Chaol Westfall, antigo capitão da Guarda Real e atual Mão do recém-coronado rei de Adarlan, havia descoberto que odiava um som acima de qualquer outro.

O som de rodas.

Especificamente, seu chacoalhar nas tábuas do navio onde ele passara as últimas três semanas, enquanto velejava por águas tempestuosas. Assim como os ruídos e estampidos sobre o reluzente piso de mármore verde com mosaicos intrincados, que cobria todo o resplandecente palácio do Khagan do Continente Sul, em Antica.

Com nada para fazer além de permanecer sentado na cadeira de rodas — tanto sua prisão como a única forma de ver o mundo —, Chaol observava os detalhes do amplo palácio assentado no alto de uma das inúmeras colinas da cidade. Cada pedaço de material fora tirado de alguma parte do poderoso império do khagan e construído em honra ao local de origem.

Aquele piso verde polido sobre o qual a cadeira de Chaol sacolejava havia sido minerado de pedreiras no sudoeste do continente. As pilastras vermelhas entalhadas como poderosas árvores, com os galhos mais altos estendendo-se em direção ao teto em domo muito acima — tudo isso fazia parte de um interminável salão de recepção —, foram transportadas até ali dos desertos arenosos do nordeste.

Os mosaicos que interrompiam o mármore verde tinham sido montados por artesãos de Tigana, outra das estimadas cidades do khagan na montanhosa ponta sul do continente. Cada um retratava uma cena do

passado rico, violento e glorioso do khaganato: os séculos vividos de forma nômade, como o povo dos cavalos nas estepes gramadas das terras leste do território; o surgimento do primeiro khagan, um guerreiro que tinha unificado as tribos dispersadas ao fazer uso de inteligência perspicaz e estratégica para forjar um império devastador, criando uma força conquistadora que tomara o continente pedaço por pedaço; depois havia retratos dos três séculos desde então — os vários khagans que tinham expandido o império, distribuindo a riqueza de cem territórios pelas terras, construindo incontáveis pontes e estradas para conectar todos eles, e governando o vasto continente com precisão e transparência.

Talvez os mosaicos fornecessem uma visão do que Adarlan poderia ter sido, refletiu Chaol, conforme os murmúrios da corte reunida ecoaram entre as pilastras entalhadas e os domos folheados a ouro. Quer dizer, se Adarlan não tivesse sido governada por um homem controlado por um rei demônio determinado a transformar o mundo em um banquete para suas hordas.

Chaol virou a cabeça para cima e encarou Nesryn, a expressão da jovem estava impassível conforme lhe empurrava a cadeira. Somente os olhos pretos, percorrendo cada rosto e janela e coluna ao longo do caminho, revelavam algum interesse no vasto lar do khagan.

Os dois tinham reservado as mais finas roupas para aquele dia, e a recém-nomeada capitã da Guarda estava, de fato, resplandecente no uniforme carmesim e dourado. De onde Dorian desenterrara um dos uniformes que Chaol um dia havia usado com tanto orgulho, ele não fazia ideia.

Inicialmente, Chaol quisera usar preto, apenas porque cores... Ele jamais se sentira confortável com cores, exceto pelo vermelho e dourado do reino. Mas preto havia se tornado a cor dos guardas infestados pelos valg e comandados por Erawan. Eles tinham usado os uniformes de preto sobre preto ao aterrorizar Forte da Fenda. Ao juntarem, torturarem e, então, massacrarem os homens de Chaol.

Para depois os pendurarem ao longo dos portões do palácio, deixando que oscilassem ao vento.

O antigo capitão mal conseguira olhar para os guardas de Antica conforme passara por eles no longo caminho até o salão, tanto nas ruas quanto no próprio palácio — de pé, orgulhosos e alertas, com espadas às costas e facas ao lado. Mesmo naquele instante, Chaol resistia ao desejo de olhar para os locais onde ele sabia que os guardas estariam posicionados no

corredor, exatamente como ele teria posto seus homens, onde o próprio Chaol teria ficado, sem dúvida, para monitorar tudo enquanto emissários de um reino estrangeiro chegavam.

Nesryn o encarou, com aqueles frios e impassíveis olhos cor de ébano, os cabelos pretos na altura dos ombros oscilando a cada passo. Nenhum indício de ansiedade lampejou no rosto lindo e solene. Nenhum vestígio de que estavam prestes a conhecer um dos homens mais poderosos do mundo — um homem que poderia alterar o destino do continente na guerra que certamente já se deflagrava em Adarlan e Terrasen.

Chaol olhou para a frente sem dizer uma palavra. As paredes, as pilastras e os portais arqueados tinham ouvidos, olhos e bocas, avisara Nesryn.

Esse único pensamento era o que fazia com que Chaol evitasse repuxar as roupas que ele finalmente decidira usar: calça marrom-claro, botas castanhas na altura dos joelhos e uma camisa branca da mais fina seda, que estava em grande parte escondida por um casaco azul-escuro. O casaco era bastante simples, o valor era revelado apenas pelos requintados fechos de bronze na frente e pelo brilho do delicado fio de ouro que acompanhava as bordas e o colarinho alto. Nenhuma espada pendia do cinto de couro; a ausência do peso reconfortante era como um membro fantasma.

Ou como pernas.

Duas incumbências. Ele tinha duas incumbências enquanto os dois estavam ali, mas ainda não sabia ao certo qual se provaria mais impossível:

Convencer o khagan e os seis potenciais herdeiros a emprestar os consideráveis exércitos para a guerra contra Erawan...

Ou encontrar um curandeiro em Torre Cesme que conseguisse descobrir alguma forma de fazê-lo andar novamente.

De... consertá-lo, pensou Chaol, com uma boa pontada de repugnância.

Ele odiava essa palavra. Quase tanto quanto o chacoalhar das rodas. *Consertar*. A palavra ainda o arrasava, ainda fazia seu estômago se revirar, mesmo que fosse isso o que pedia que os lendários curandeiros fizessem por ele.

Chaol afastou a palavra e o pensamento da cabeça enquanto Nesryn acompanhava o aglomerado quase mudo de criados que os guiava desde o cais. O grupo seguira ao longo das sinuosas e empoeiradas ruas de paralelepípedos de Antica até chegar ao alto da avenida íngreme que ia na direção dos domos e dos 36 minaretes do palácio.

Eles tinham visto faixas de tecido branco — desde seda até feltro e linho — pendendo de inúmeras janelas, lanternas e portas. Provavelmente por causa da morte recente de algum oficial ou parente real distante, murmurara Nesryn. Havia diversos rituais de morte. Em geral, eram uma mistura dos inúmeros reinos e territórios governados pelo khaganato, mas o tecido branco era um resquício antigo dos séculos em que o povo do khagan perambulava pelas estepes, com a tradição de deitar seus mortos para o descanso final sob o vigilante céu aberto.

A cidade, no entanto, parecera pouco fúnebre conforme a atravessaram. As pessoas com roupas de diversos tipos ainda se apressavam, vendedores ainda anunciavam suas mercadorias, acólitos nos templos de madeira ou de pedra — cada deus tinha um lar em Antica, explicara Nesryn — ainda chamavam aqueles que passavam nas ruas. Tudo isso, até mesmo o palácio, era vigiado pela reluzente torre de pedra pálida, situada no alto de uma das colinas mais ao sul da cidade.

A Torre. Uma torre que abrigava os melhores curandeiros mortais do mundo. Chaol tentara não olhar por muito tempo para a construção pelas janelas da carruagem, ainda que a imensa construção pudesse ser vista de quase todas as ruas e todos os ângulos de Antica. Nenhum dos criados havia mencionado ou ressaltado a presença dominante que parecia rivalizar até mesmo com o palácio do khagan.

Não, os criados realmente não tinham dito quase nada no caminho até lá, mesmo com relação às flâmulas de luto que oscilavam ao vento seco. Cada um deles permanecia em silêncio, homens e mulheres, os cabelos pretos brilhantes e lisos, e cada um deles vestia calça larga e casacos esvoaçantes nos tons cobalto e vermelho-sangue, as bordas de um dourado-pálido. Criados pagos... mas descendentes dos escravos que um dia foram posse da linhagem do khagan. Até o momento que a khagan anterior, uma visionária e revolucionária, criminalizara a escravidão uma geração atrás, como uma das inúmeras melhorias ao império. A khagan libertara os escravos, mas os mantivera como criados pagos — assim como seus filhos. E agora os filhos dos filhos destes.

Nenhum dos criados parecia passar fome ou ser mal pago, e nenhum mostrara sequer um lampejo de medo ao escoltarem Chaol e Nesryn do navio até o palácio. Ao que parecia, o khagan atual os tratava bem. Com sorte, o herdeiro, que ainda não tinha sido escolhido, também o faria.

Diferentemente de Adarlan ou Terrasen, a herança do império era decidida pelo khagan; não por ordem de nascimento ou por gênero. Ter o máximo de filhos possível para fornecer ao governante ampla escolha tornava essa decisão apenas um pouco mais fácil. E a rivalidade entre os filhos reais... Era praticamente um esporte de sangue. Tudo isso pensado para provar ao pai ou à mãe quem era o mais forte, o mais inteligente, o mais apto a governar.

Por lei, o khagan deveria trancafiar um documento selado em um esconderijo discreto — um documento que listasse o herdeiro, caso a morte viesse antes que isso pudesse ser formalmente anunciado. Poderia ser alterado a qualquer momento, mas destinava-se a evitar a única coisa que o khaganato temia desde o momento que o primeiro khagan unira os reinos e os territórios do continente: um colapso. Não por forças externas, mas devido a uma guerra interna.

Aquele primeiro khagan de tempos passados fora sábio. Nenhuma vez durante os trezentos anos do khaganato ocorrera uma guerra civil.

E, conforme foi empurrado por Nesryn, passando pelas graciosas reverências dos criados que tinham parado entre duas imensas pilastras, quando Chaol viu o salão do trono, exuberante e adornado, abrir-se adiante com as dezenas de pessoas reunidas em torno do altar dourado reluzindo ao sol do meio-dia, ele se perguntou qual das cinco figuras diante do homem entronado seria um dia escolhida para governar aquele império.

Os únicos sons vinham do farfalhar das roupas das 48 pessoas — Chaol as contara com algumas piscadelas casuais — reunidas de cada lado do altar reluzente, formando uma parede de seda, pele e joias, uma verdadeira avenida pela qual Nesryn o empurrou.

Roupas farfalhando... e o chacoalhar e ranger das rodas. Nesryn as lubrificara naquela manhã, mas semanas no mar tinham desgastado o metal. Cada arranhão e rangido se assemelhavam a unhas raspando na pedra.

Mas o antigo capitão manteve a cabeça erguida. Os ombros retos.

Nesryn parou a uma distância segura do altar... da parede de cinco filhos reais, homens e mulheres em excelente forma física, de pé entre os dois e o pai.

Defender seu imperador: o primeiro dever de um príncipe ou de uma princesa. A forma mais fácil de provar lealdade, de ser considerado para a escolha do herdeiro. E os cinco à frente...

Chaol dominou as feições para que ficassem neutras ao contar de novo. Apenas cinco. Não os seis que Nesryn descrevera.

No entanto, ele não procurou no salão o membro da realeza que faltava quando fez uma reverência curvando a cintura. Chaol praticara o movimento diversas vezes durante a última semana no mar, conforme o tempo ficava mais quente, deixando o ar seco e abafado. Fazer aquilo na cadeira ainda parecia forçado, mas ele se curvou bastante — até encarar as pernas paralisadas, as botas marrons impecáveis e os pés que não conseguia sentir nem mover.

Ao ouvir o leve farfalhar de roupa à esquerda, Chaol percebeu que Nesryn passara para seu lado, e que ela também fazia uma profunda reverência.

Os dois se mantiveram assim pelos três fôlegos que ela alegava serem necessários.

Chaol usou os três fôlegos para se acalmar, para afastar o fardo que havia sobre os dois.

Em algum momento do passado, ele fora habilidoso o bastante para conseguir manter uma compostura impassível. Servira ao pai de Dorian durante anos, cumprira ordens sem sequer piscar. E, antes disso, havia aturado o próprio pai, cujas palavras tinham sido violentas como punhos. O verdadeiro e atual Lorde de Anielle.

O *lorde* que fora colocado diante do nome de Chaol era um deboche. Um deboche e uma mentira que Dorian se recusara a abandonar apesar dos protestos do amigo.

Lorde Chaol Westfall, Mão do Rei.

Ele odiava aquilo. Mais que o som das rodas. Mais que o corpo abaixo do quadril que ele não conseguia sentir, o corpo cuja imobilidade ainda o surpreendia, mesmo tantas semanas depois.

Ele não era Senhor de Nada. Era Senhor dos Quebradores de Juramento. Senhor dos Mentirosos.

E, conforme Chaol ergueu o torso e encontrou os olhos repuxados para cima do homem de cabelos brancos sentado ao trono, conforme a pele marrom e envelhecida do khagan se enrugou com um sorriso pequeno e sábio... ele se perguntou se o governante também sabia.

Havia duas partes dela, supunha Nesryn.

A parte que tinha se tornado capitã da Guarda Real de Adarlan, que fizera um juramento ao rei de se certificar de que o homem na cadeira de rodas a seu lado fosse curado — e de reunir um exército do homem no trono em frente. Essa parte de Nesryn mantinha a cabeça erguida, os ombros esticados e as mãos a uma distância segura da espada ornamentada presa ao quadril.

E havia a outra parte.

A parte que vira as espirais e os minaretes e os domos da cidade dos deuses despontando no horizonte conforme velejavam até lá, com o reluzente pilar da Torre imponente acima de tudo aquilo, e que precisara conter as lágrimas. A parte que tinha sentido o cheiro da páprica defumada e o odor forte do gengibre e a doçura sedutora do cominho assim que atravessara o cais, e soubera, no fundo de si, que estava em *casa*. Que, sim, ela vivia e servia e morreria por Adarlan, pela família ainda lá, mas aquele lugar, onde seu pai um dia vivera e onde até mesmo sua mãe nascida em Adarlan se sentira mais à vontade... Aquele era seu povo.

A pele de diversos tons de marrom e bronze. A abundância de cabelos pretos reluzentes — *seus* cabelos. Os olhos que variavam de repuxados para cima, ou arregalados e arredondados, ou até mais estreitos, em tonalidades de ébano e castanha, e até mesmo um raro tom de avelã e verde. Seu povo. Uma mistura de reinos e territórios, sim, mas... Ali insultos não eram

sussurrados nas ruas. Ali nenhuma rocha seria jogada pelas crianças. Ali os filhos da irmã não se sentiriam diferentes. Indesejados.

E essa parte da capitã... Apesar dos ombros esticados e do queixo erguido, chegava a ficar com os joelhos fracos diante de quem — do *que* — estava diante de si.

Nesryn não ousara contar ao pai aonde ia e o que faria. Tinha dito apenas que iria tratar de um assunto para o rei de Adarlan e que demoraria a voltar.

O pai não teria acreditado. Ela mesma mal acreditava.

A história do khagan tinha sido sussurrada diante de sua lareira nas noites de inverno; as lendas dos filhos dele eram contadas enquanto sovavam infinitas massas de pão para a padaria da família. Os contos de dormir dos ancestrais serviam para embalar Nesryn em um sono tranquilo ou mantê-la acordada a noite inteira, apavorada.

O khagan era um mito vivo. Uma divindade tanto quanto os 36 deuses que governavam a cidade e o império.

Havia tantos templos para aqueles deuses em Antica quanto havia tributos para os diversos khagans. *Mais*.

Era chamada de cidade dos deuses por causa deles — e por causa do deus vivo que estava sentado no trono de marfim no alto daquele altar dourado.

O altar era, de fato, de ouro puro, exatamente como as lendas sussurradas por seu pai alegavam.

E os seis filhos do homem... Nesryn podia nomear todos sem precisar ser apresentada.

Depois da meticulosa pesquisa que Chaol fizera enquanto estavam no navio, ela não tinha dúvidas de que ele também conseguiria.

Mas não era esse o objetivo daquela reunião.

Pois, por mais que *ela* tivesse ensinado ao antigo capitão sobre sua terra natal nas últimas semanas, Chaol a instruíra acerca dos protocolos da corte. Raramente ele estivera tão diretamente envolvido, sim, mas testemunhara o suficiente durante o tempo que servira o rei.

Um observador do jogo que estava prestes a ser um jogador principal. Com as apostas absurdamente altas.

Esperaram em silêncio para que o khagan falasse.

Nesryn tinha tentado não ficar boquiaberta conforme caminhava pelo palácio. Jamais colocara os pés do lado de dentro durante as poucas visitas a Antica ao longo dos anos. Assim como seu pai, ou o pai deste, ou qualquer

de seus ancestrais. Em uma cidade de deuses, aquele era o mais sagrado dos templos. E o mais mortal dos labirintos.

O khagan não se moveu do trono de marfim.

Um trono mais novo, mais largo, que datava de cem anos antes — quando o sétimo khagan tinha jogado fora o antigo porque sua compleição grande não cabia ali. O homem havia se enchido de comida e bebida até morrer, dizia a história, mas pelo menos tivera o bom senso de nomear um herdeiro antes de agarrar o próprio peito um dia e cair morto... bem naquele trono.

Urus, o khagan atual, não passava dos 60 anos e parecia em condições muito melhores. Embora os cabelos pretos tivessem ficado tão brancos quanto o trono entalhado havia muito tempo, embora cicatrizes salpicassem a pele enrugada, como um lembrete a todos de que *ele* lutara por aquele trono nos dias finais da vida de sua mãe... Os olhos cor de ônix, finos e repuxados para cima, brilhavam como estrelas. Atentos e observadores.

No alto da cabeça branca não havia coroa. Pois deuses entre mortais não precisavam sinalizar seu governo divino.

Atrás dele, faixas de seda branca amarradas às janelas abertas oscilavam à brisa quente, enviando os pensamentos do khagan e da família real para onde a alma do falecido — quem quer que fosse, era alguém importante, sem dúvida — tinha se juntado ao Eterno Céu Azul e à Terra Dormente, uma crença que o governante e todos os seus ancestrais ainda honravam no lugar do panteão dos 36 deuses que os cidadãos eram livres para adorar.

Ou quaisquer outros também, caso os territórios fossem recentes o bastante para que os deuses ainda não tivessem sido incorporados ao leque. Devia haver diversos assim, afinal, durante as três décadas de governo, o homem sentado diante deles tinha acrescentado às fronteiras um punhado de reinos além-mar.

Um reino para cada anel, com pedras preciosas reluzentes, que adornava os dedos cheios de cicatrizes.

Um guerreiro trajando luxo. Aquelas mãos deslizaram pelos braços do trono de marfim — composto de cascos entalhados das poderosas bestas que perambulavam pelos campos centrais — e se acomodaram no colo do homem, escondidas sob trechos de seda azul com bordas douradas. Era a tintura índigo das terras abafadas e exuberantes do oeste. De Balruhn, de onde o povo de Nesryn originalmente provinha, antes de a curiosidade e a

ambição levarem o bisavô a arrastar a família por montanhas e campos e desertos até que chegassem à cidade dos deuses na aridez do norte.

Os Faliq haviam sido comerciantes por muito tempo, mas não de coisas especialmente requintadas. Apenas tecidos simples e bons, além de temperos caseiros. O tio ainda vendia tais coisas e, por meio de vários investimentos lucrativos, tinha se tornado um homem relativamente rico, cuja família atualmente habitava uma linda casa dentro daquela mesma cidade. Definitivamente um patamar acima de padeiro — o caminho que o pai de Nesryn escolhera ao deixar aquelas terras.

— Não é todo dia que um novo rei manda alguém tão importante para nossas terras — disse o khagan, por fim, usando a língua deles e não halha, a língua do continente sul. — Suponho que deveríamos considerar isso uma honra.

O sotaque era tão parecido com o do pai de Nesryn... mas o tom não tinha o mesmo calor ou humor. Afinal, vinha de um homem que recebera obediência a vida inteira e que lutara para conquistar a coroa, chegando a executar dois dos irmãos que se provaram maus perdedores. Os três sobreviventes... um fora exilado, e os outros dois tinham lhe jurado fidelidade ao pedirem que os curandeiros da Torre os deixassem inférteis.

Chaol inclinou a cabeça.

— A honra é minha, Grande Khagan.

Ele não tinha dito *majestade*... isso era para reis e rainhas. Não havia termo alto ou grandioso o bastante para aquele homem diante dos dois. Apenas o título que o primeiro de seus ancestrais levava: Grande Khagan.

— É sua — ponderou o khagan, com aqueles olhos pretos se voltando para Nesryn. — E quanto a sua companheira?

A capitã lutou contra a vontade de se curvar de novo. Dorian Havilliard era o oposto daquele homem, percebeu ela. Já Aelin Galathynius... A mulher se perguntou se a jovem rainha poderia ter mais em comum com o khagan do que tinha com o rei Havilliard. Ou quem sabe um dia teria, se Aelin sobrevivesse tempo o bastante. Se chegasse ao trono.

Nesryn afastou esses pensamentos ao ver que Chaol a observava com os ombros tensos. Não por causa das palavras, ou pela companhia, mas simplesmente porque ela sabia que o simples ato de precisar olhar para *cima*, de encarar aquele poderoso rei-guerreiro naquela cadeira... Aquele seria um dia difícil para ele.

A jovem inclinou levemente a cabeça.

— Sou Nesryn Faliq, capitã da Guarda Real de Adarlan. Como Lorde Westfall foi um dia, antes de o rei Dorian o nomear sua Mão no início deste verão. — Ela se sentia grata pelos anos em Forte da Fenda terem lhe ensinado a não sorrir, a não se encolher ou mostrar medo, grata por ter aprendido a manter a voz fria e calma, mesmo quando os joelhos fraquejavam.

— Minha família descende daqui, Grande Khagan — prosseguiu Nesryn. — Antiga ainda detém um pedaço de minha alma. — Ela levou uma das mãos ao coração, e os finos fios do uniforme dourado e carmesim, as cores do império que fizera com que a família dela frequentemente se sentisse caçada e indesejada, roçaram contra seus calos. — Estar em seu palácio é a maior honra de minha vida.

Talvez aquilo fosse verdade.

Se Nesryn encontrasse tempo para visitar a família no tranquilo e arborizado Quarteirão Runni — lar principalmente de mercadores e comerciantes como seu tio —, eles certamente considerariam que era uma honra, sim.

O khagan apenas sorriu de leve.

— Então me permita lhe dar as boas-vindas a seu verdadeiro lar, capitã.

Nesryn sentiu, mais que viu, o lampejo de irritação de Chaol. Ela não tinha total certeza do que desencadeara aquilo: a reivindicação da terra natal ou o título oficial que fora passado a ela.

Mesmo assim, Nesryn curvou a cabeça de novo em agradecimento.

— Presumo que estão aqui para me cortejar e fazer com que me junte a essa guerra de vocês — disse o khagan a Chaol.

— Estamos aqui a pedido de meu rei — replicou Chaol, um pouco mais rispidamente. Um toque de orgulho à palavra. — Para começar o que esperamos ser uma nova era de comércio próspero e de paz.

Um dos filhos do khagan — uma jovem cujos cabelos eram uma noite em correnteza e que tinha olhos como fogo escuro — trocou um olhar sarcástico com o irmão à esquerda, um homem talvez três anos mais velho que ela.

Hasar e Sartaq, então. O terceiro e o segundo filhos, respectivamente. Cada um usava calça larga parecida e túnica bordada, com botas de couro finas até os joelhos. Hasar não era nenhuma beldade, mas aqueles olhos... As chamuscas que dançavam ali conforme ela olhava para o irmão mais velho compensavam.

E Sartaq — comandante dos montadores de ruks do pai. Os rukhin.

Havia muito tempo, o esquadrão aéreo setentrional daquele povo habitava as imponentes montanhas Tavan em companhia dos ruks: imensos pássaros, com formato de águia, grandes o suficiente para carregar gado e cavalos. Não tinham o enorme porte nem o peso destrutivo das serpentes aladas das bruxas Dentes de Ferro, mas eram rápidos e ágeis, e inteligentes como raposas. As montarias perfeitas para os lendários arqueiros que voavam sobre eles nas batalhas.

O rosto de Sartaq estava sério, e os ombros largos, jogados para trás. Um homem talvez tão pouco à vontade nas roupas finas quanto Chaol. Nesryn se perguntou se sua ruk, Kadara, estava empoleirada em um dos 36 minaretes do palácio, vigiando os criados e os guardas acovardados, esperando impacientemente pela volta de seu mestre.

O fato de Sartaq estar ali... Certamente souberam, então. Com muita antecedência. Que ela e Chaol estavam a caminho.

O olhar de entendimento que se passou entre Sartaq e Hasar disse o suficiente a Nesryn: eles, ao menos, tinham discutido as possibilidades daquela visita.

O olhar de Sartaq passou da irmã para Nesryn.

Ela piscou. A pele marrom do príncipe era mais escura que a dos demais — talvez devido a todo o tempo no céu e à luz do sol —, e os olhos eram de um ébano sólido. Infinitos e indecifráveis. Os cabelos pretos estavam soltos, exceto por uma pequena trança que se curvava sobre o arco da orelha. O restante dos cabelos caía logo além do peito musculoso e oscilou levemente com a inclinação de cabeça para Nesryn, que ela podia jurar ter sido debochada.

Que dupla farroupilha e medíocre Adarlan enviara. O antigo capitão, ferido, e a atual, plebeia. Talvez as primeiras palavras do khagan sobre *honra* tivessem sido uma observação disfarçada do que ele via como um insulto.

Nesryn afastou a atenção do príncipe, mesmo ao ainda sentir o olhar determinado de Sartaq, como um toque fantasma.

— Trouxemos presentes de Sua Majestade, o rei de Adarlan — dizia Chaol, virando-se na cadeira para indicar aos criados que se adiantassem.

A rainha Georgina e sua corte praticamente saquearam os cofres reais antes de fugirem para a propriedade nas montanhas durante aquela primavera. E o antigo rei havia contrabandeado grande parte do que restara ao longo dos últimos meses. Então, antes de Nesryn e Chaol velejarem até

lá, Dorian se aventurara pelos muitos cofres sob o castelo. Ela ainda conseguia ouvir os ecos de seus maldizeres, mais imundos do que jamais ouvira de Dorian, por ter encontrado pouco mais que moedas douradas lá dentro.

Mas Aelin, como sempre, tinha um plano.

Nesryn estivera ao lado do novo rei quando Aelin abrisse dois baús em seus aposentos. Joias dignas de uma rainha — a rainha dos Assassinos — brilharam no interior.

*Tenho fundos o suficiente por enquanto, foi a única coisa que Aelin dissera a Dorian ao vê-lo começar a protestar. Dê ao khagan algumas das mais finas joias de Adarlan.*

Nas semanas seguintes, Nesryn se perguntara se Aelin teria ficado satisfeita ao se livrar do que comprara com dinheiro sujo de sangue. As joias de Adarlan, ao que parecia, não viajariam para Terrasen.

E naquele instante, enquanto os criados dispunham os quatro baús menores — divididos a partir dos dois originais para fazer parecer *mais*, como Aelin sugerira —, conforme abriam as tampas, a corte ainda silenciosa se aproximava para olhar.

Um murmúrio percorreu o bando diante das gemas reluzentes e do ouro e da prata.

— Um presente — declarou Chaol, conforme o próprio khagan se aproximava para examinar o tesouro. — Do rei Dorian Havilliard de Adarlan e de Aelin Galathynius, rainha de Terrasen.

Os olhos da princesa Hasar dispararam para Chaol quando ela ouviu o segundo nome.

O príncipe Sartaq apenas olhou de volta para o pai, enquanto o filho mais velho, Arghun, franziu a testa para as joias.

Arghun — o político entre eles, amado pelos mercadores e pelos poderosos do continente. Esguio e alto, era um estudioso que não negociava moedas e requintes, mas conhecimento.

*Príncipe dos Espiões*, era como o chamavam. Enquanto dois de seus irmãos tinham se tornado os melhores guerreiros, Arghun afiara a mente e, no momento atual, supervisionava os 36 vizires do pai. Então aquele franzir de testa para o tesouro...

Colares de diamante e rubi. Braceletes de ouro e esmeraldas. Brincos — verdadeiros pequenos lustres — de safira e ametista. Anéis delicadamente trançados, alguns adornados com joias tão grandes quanto o ovo de uma

andorinha. Pentes e alfinetes e broches. Conquistados e comprados com sangue.

O mais jovem dos filhos reais reunidos, uma mulher graciosa e de ossos finos, se aproximou. Duva. Um espesso anel de prata, com uma safira de tamanho quase obsceno, adornava a mão esbelta, pressionado delicadamente contra o considerável volume da barriga.

Talvez seis meses, embora as roupas largas — ela gostava de roxo e cor-de-rosa — e a estrutura pequena pudessem distorcer isso. Certamente seu primeiro filho, resultado do casamento arranjado com um príncipe de um território além-mar no extremo leste, um vizinho ao sul de Doranelle, que percebera a agitação da rainha feérica e quisera garantir a proteção do império sul do outro lado do oceano. Talvez a primeira tentativa do khaganato de expandir amplamente o continente de tamanho considerável, ponderara Nesryn, assim como os demais.

Ela não se permitiu olhar por muito tempo para a vida crescendo sob aquela mão coberta de joias.

Pois, se um dos irmãos de Duva fosse coroado khagan, a primeira incumbência do novo governante — depois que sua progênie fosse suficiente — seria eliminar quaisquer outros desafios ao trono. Começando pelos filhos dos irmãos, caso eles ameaçassem o direito daquele que reinava.

Nesryn se perguntou como Duva conseguia suportar aquilo. Se tinha passado a amar o bebê que crescia em seu útero, ou se era sábia o bastante para não permitir tal sentimento. Se o pai daquele bebê faria todo o possível para que a criança ficasse segura, caso chegasse a esse ponto.

O khagan, por fim, se recostou no trono. Os filhos tinham se alinhado de novo; a mão de Duva recaindo novamente ao lado do corpo.

— Joias feitas pelos melhores joalheiros de Adarlan — explicou Chaol.

O governante brincou com um anel de citrino em uma das mãos.

— Se vieram do tesouro de Aelin Galathynius, não tenho dúvidas disso.

Um momento de silêncio entre Nesryn e Chaol. Eles sabiam — anteciparam — que o khagan tinha espiões em todas as terras e em todos os mares, que o passado de Aelin talvez fosse um pouco difícil de contornar.

— Pois você não é apenas a Mão de Adarlan — continuou o homem —, mas também o embaixador de Terrasen, não é?

— De fato, sou — respondeu Chaol simplesmente.

O khagan ficou de pé com apenas uma leve dificuldade, e os filhos imediatamente se afastaram para abrir caminho a fim de que o pai descesse

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Torre Do Alvorecer"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).